

essa síntese não se tornou clara ao longo dos capítulos, como fomos referindo.

Ficamos, assim, com a sensação de que um leitor menos preparado pode sentir algumas dificuldades em abarcar todo o sentido de um estudo que se revela bastante meritório, não só pela capacidade interpretativa dos textos que revela, como também pelo carácter original, perspicaz e arguto com que as ideias são abordadas e discutidas.

Mas – quem sabe? – talvez o autor, imbuído pelo espírito de Petrónio, tenha decidido emular o estilo deste nosso autor latino, esperando "que o leitor vá formando o juízo que o autor lhe não indicou desde logo de forma inequívoca e programática, mas para o qual foi contribuindo sempre, com elementos dispersos e inconsequentes apenas na aparência" porque "logo se instaura a coerência da mensagem" (p. 144).

Um voto: que continue a revelar-nos novos mundos com o mesmo rigor científico que revelou neste estudo, aconselhável a todos os que apreciam e estudam o *Satyricon*.

MAFALDA FRADE

José Luís Lopes Brandão, *Da Quod Amem. Amor e Amargor na Poesia de Marcial*, Lisboa, Colibri – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998.

Aspectos relacionados com a vida e o carácter de Marcial configuram uma das grandes linhas temáticas que ultimamente têm vindo a despertar a atenção e o interesse de estudiosos da obra do poeta.

É esta, sem dúvida, a linha de enquadramento do presente trabalho de José Luís Lopes Brandão, *Da Quod Amem. Amor e Amargor na Poesia de Marcial*, que pretende ver concretizados dois

objectivos de carácter geral: “esboçar um perfil da alma do poeta e facultar uma espécie de guião de leitura dos *Epigramas* de Marcial, com variadas informações, deles retiradas, para o estudo da Roma do século I” (p. 15), tarefa nada fácil, porque acrescida da subjectividade própria do poeta.

Minimizando os atributos mais ou menos depreciativos de que o poeta se viu rotulado ao longo dos tempos, o autor convida-nos a uma observância atenta, e liberta de preconceitos, das acções e reacções do poeta, apostado numa nova compreensão do mundo literário do poeta.

Como deixa antever a hierarquização dos títulos dos diversos capítulos, preocupou-se o autor em descortinar, de forma organizada e detalhada, os sentimentos gerados pela interacção humana. Porém, detendo-se essencialmente numa análise ideológico-emocional das situações, parece esquecer ou ignorar, salvo raras excepções, o devido comentário estilístico, uma vez que de poesia se trata. A este nível, não podemos estar de acordo com o autor, quando afirma que (Marcial) “num momento de cólera, compõe (...) um epigrama duríssimo em seis dísticos que começam e terminam com a expressão: *rumpitur invidia*. Consegue assim à custa desta **anáfora** (...) (pp. 40 e 41). Em rigor, não se trata de uma anáfora, mas de uma anadiplose, que consiste na “repetição do último membro de um grupo de palavras (sintáctico ou métrico), no princípio do grupo de palavras (sintáctico ou métrico) que se lhe segue” (Lausberg, § 250), como fora já referido por Maria Cristina Pimentel, na sua dissertação de doutoramento (p. 318), obra que figura na bibliografia apresentada pelo autor.

Já no que respeita à abordagem temática pretendida, importa salientar que, apesar de o autor não ter considerado na sua análise os livros de circunstância (*De spectaculis*, *Xenia* e *Apophoreta*), talvez não fosse descabida, enquanto informação colateral, uma referência aos epigramas 106 a 125 dos *Xenia*, para justificar a afirmação de que “Marcial era um apreciador de bom vinho” (p. 90). De igual modo

poderia o autor ter considerado os epigramas 5 a 10 dos *Apophoreta*, quando, ao referir-se à troca de correspondência amorosa, afirma que “Para um poeta é normal fazer uma proposta através de um escrito.”. Facultaria assim mais informação acerca dos objectos que serviam, na altura, de suporte à escrita do coração.

Fornecendo ao leitor uma boa tradução dos epigramas seleccionados, em grande parte conseguida pela fidelidade ao texto latino e pela manutenção das marcas de oralidade, não encontramos justificação para o facto de não terem sido traduzidos os versos transcritos nas páginas 19 e 21 bem como o último epigrama da página 20. Não obstante, as passagens seleccionadas, fazem-nos perpassar diante dos olhos variadíssimos tipos sociais, fortemente caricaturados pela mão realista de Marcial, e que vão de encontro ao segundo objectivo do trabalho enunciado na *EPISTVLA*. Pensamos ficar a dever-se ao esquecimento a omissão dos aurigas e dos preguiçosos, apesar de ter sido salientada “a confessa preguiça do poeta” (p. 131).!

Importa também notar que o texto apresenta algumas gralhas, a nível de pontuação (falta de pontuação final, no 1º parágrafo da p. 17), e, a nível de ortografia (“já não não é “, na p. 19; “subtrair um vasilha”, na p. 46; “uvas secas e peras “, na p. 55; “porque que ele”, na p. 84), que convirá corrigir. Porém, é importante notar que o autor revela grande preocupação por uma correcta ortografia, ao registar a palavra *clépsidra(s)* (p. 45), com a acentuação esdrúxula (a correcta), em detrimento da forma *clepsidra*, com a acentuação consagrada pelo uso.

Apraz-nos ainda registar a consulta de uma bibliografia actualizada para a realização do presente trabalho e o facto de nela se referir a edição dos *Epigramas* de Marcial utilizada para o efeito (p. 153). É ainda de assinalar o cuidado tido na sistematização das notas de rodapé, bem como nas constantes remissões para versos da obra. Temos a lamentar a falta de índices, nomeadamente do INDEX

Recensões

NOMINVM, que dificulta em certa medida o seu manuseamento, mas que não impede a utilização do texto como instrumento de trabalho.

Importa, por último, sublinhar que, tendo pretendido “esboçar um perfil da alma do poeta”, o autor conseguiu aqui e além desenhá-lo com traço preciso, tarefa difícil e demorada, tanto mais porque as lutas empreendidas impõem um grande domínio técnico das *artes Martiales!*

ISABEL ALEXANDRA VILARES COSTA GRAÇA